



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

JUAREZ OLIVEIRA SAMPAIO

(depoimento)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-678

Entrevistado: Juarez Oliveira Sampaio

Nascimento: 10/08/1963

Local da entrevista: Faculdade de Educação Física - UnB, Brasília

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 18/03/2016

Transcrição: Laura Giovana dos Santos Andrade

Copidesque: Natália Bender

Pesquisa: Laura Giovana dos Santos Andrade e Natália Bender.

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 42 minutos e 45 segundos

Páginas Digitadas: 16 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação do entrevistado; Aproximação com a área do lazer; Atuação no Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Preparação como formador de agentes sociais; Visão sobre o processo de formação de agentes sociais; Acompanhamento dos núcleos; Impacto do trabalho de formação de agentes sociais de esporte e lazer; Saída de Programa.

Porto Alegre, 18 de março de 2016. Entrevista com Juarez Oliveira Sampaio a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, primeiro muito obrigada. Eu sei que é muito corrido, muito... O tempo é pouco, mas agradeço imensamente a disposição. E eu queria que você começasse falando sobre a sua formação.

J.S. – Bom, eu me formei em Educação Física aqui na Universidade de Brasília em 1986. Depois que eu fui me formei, eu fui para a escola que na época que eu havia me formado abriu-se um concurso para rede pública de ensino aqui do DF¹, então, eu tinha vinte e um anos, eu estava ingressando na escola e fui trabalhar no Ensino Fundamental. Aí fiquei muito tempo aqui em uma cidade mais periférica em Ceilândia e fazia Química também, fazia dois cursos... Aqui na UnB², só que eu me formei primeiro em Educação Física depois que eu me formei em Química. Então eu fiquei vinte horas durante um tempo na rede pública e vinte horas na UnB terminando Química. Após ter terminado Química, eu fiquei quarenta horas no GDF³. Em 1987 eu entrei no GDF, 1991 eu assumi quarenta horas. Fiquei quatro anos mais ou menos fazendo Química e dando aula. E não fiz mestrado, fiz especialização. A época, na década de 1990, eu fiz especialização na época em Pedagogia do Movimento Humano na Gama Filho⁴ e fui um especialista aqui em Brasília e essa década de 1990... Início era época do especialista, não havia doutor aqui na UnB nesse início de década de 1990. Então os especialistas reinavam aqui em Brasília. E depois e também não tinha programa de mestrado aqui em Brasília, não tinha... Na Católica⁵ se eu não me engano não existia ainda.... Na faculdade de Educação Física. Existia na Educação, né? E depois eu.... Em 1998.... Eu fiquei a rede pública algum tempo, fui gestor, fui coordenador da Educação Física no Governo Cristóvão⁶ aqui entre 1995 e 1998 e no término do governo Cristóvão, em 1998, eu fui convidado pela Faculdade de Educação Física por meio de um convênio para suprir uma carência aqui, já que não havia

¹ Distrito Federal.

² Universidade de Brasília.

³ Governo do Distrito Federal.

⁴ Universidade Gama Filho.

⁵ Universidade Católica de Brasília.

⁶ Referência governador do Distrito Federal, Cristóvam Ricardo Cavalcanti Buarque.

concurso. Eles foram no GDF pegar professores que tinham alguma relação mais próxima com a carência que eles se encontravam. E aí que vim para dar estágio na Educação Física e para dar uma disciplina que discutia o desenvolvimento e aprendizagem na infância. Então eu fiquei aqui de 1999 até 2011, sem fazer mestrado. E aí 1999 a 2011 são doze anos de professor aqui pelo convênio. Aí quando acabou o convênio em 2011 eu engatei no mestrado. Aí fiz o mestrado 2011, 2013. Terminou em 2013 o mestrado! E agora eu estou no doutorado. Eu sou do GDF e agora estou no doutorado, então, eu estou engatando um no outro.... Deveria ter feito isso há muito mais tempo e não fiz, estou fazendo agora e vou ficar quatro anos afastado da Secretaria de Educação e vou ficar aqui no doutorado... A minha formação é essa. Eu não tenho especialização, por exemplo, em lazer, só estudei na época o lazer, mas não tenho especialização, tenho na escola.

C.M. – Esse período que você estava aqui na UnB você continuou dando aula no GDF também?

J.S. – Não, eu fiquei integralmente aqui. O que eu assumi aqui na universidade... Eu assumi duas coisas importantes aqui na universidade, uma foi coordenar um curso de especialização para professores de GDF. Enquanto eu estive aqui havia cursos gratuitos para professores da rede pública e entrei e comecei a estudar... Comecei a dar a Teoria do Lazer. Metodologia de intervenção que eu adotava no âmbito da escola, eu comecei a fazer adaptações para o lazer. E aí eu entrei num projeto aqui nesse meio tempo coordenado pela professora Dulce⁷, né? A UnB fez um acordo de cooperação com o Ministério⁸ a partir da Rede CEDES⁹ e a professora Dulce coordenou um projeto de avaliação do PELC¹⁰. E eu entrei nessa discussão com a professora Dulce, eu era professor junto com ela aqui e a gente fazia um projeto também de intervenção na escola. A gente levava os alunos para escola nesse projeto e eles faziam pesquisa e extensão. Eles investigavam na escola, discutiam os problemas da escola com a gente aqui na universidade e intervia tentando superar os problemas encontrados na escola. Então, nós pegamos essa discussão de formação com eles e adaptamos para o lazer, campo do lazer e... Nesse meio tempo, dentro

⁷ Dulce Maria Filgueira de Almeida Suassuna.

⁸ Ministério do Esporte.

⁹ Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e Lazer

¹⁰ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

da Rede CEDES, como pesquisador da Rede CEDES, eu mantenho um grupo de formadores. Essa foi uma das experiências mais interessantes porque eu peguei alunos que estavam formando, que eram bolsistas, que transformei assim... Nós transformamos em um grupo de formadores. Esses bolsistas trabalhavam tanto na escola como discutiam lazer. Então nós pegamos as metodologias de intervenção com base crítica interessante, a gente tinha autores como Vygotsky¹¹ que eram autores de base para entender aprendizagem e desenvolvimento. Tinha o Saviani¹² também como base da pedagogia. Tínhamos uma psicologia crítica e uma pedagogia crítica, pedagogia histórico-crítica. E a partir dessa base a gente começou a pensar no lazer, nessa perspectiva.... Porque o PELC tinha um modelo crítico também de formação e o mais legal foi formar esses meninos que estavam no final do semestre, alguns que estavam se formando, uns que já estavam formados recentemente e nós montamos um grupo de dez formadores. Eu coordenava esse grupo; eu, claro com minha experiência, fiz a coordenação desse grupo e a gente começou a trabalhar junto e o PELC foi uma experiência excelente por isso. Eu era o formador oficial cadastrado só que eu tinha dez a seis alunos junto comigo coordenando esse processo. Nós criamos uma metodologia de formação que está inclusive consignada no texto aqui “Gestão Pública e Política de Lazer: formação de agentes sociais”¹³, que é um livro organizado por Lino Castellani Filho, está aqui mais ou menos a forma que a gente criou para trazer informação.

C.M. – Nesse início do PELC, você entrou pela Rede CEDES ou você chega ser só do Programa Esporte e Lazer da Cidade?

J.S. – Então. Isso é interessante! A gente tinha uma ideia do PELC, a gente achava que o PELC tinha que ser naquela época institucional, tinha que prover relações institucionais, não com pessoas, era com instituições. Então eu podia ser sozinho se eu quisesse. Não tinha edital naquela época. O edital vem depois de seleção. Então foi um convite de gestores do Ministério para nós da Universidade. E qual o contato que eles tinham aqui? A Rede CEDES. Então a Rede CEDES foi o contato não posso falar que foi o Juarez e a

¹¹ Lev Semenovitch Vygotsky.

¹² Dermeval Saviani.

¹³ CASTELLANI FILHO, Lino (org.) Gestão Pública e Política de Lazer: formação de agentes sociais, Campinas: Autores Associados, 2007.

Rede CEDES. A gente sempre primou por isso. Ó, não é o Juarez, é a Rede CEDES, é a UnB. Se a Rede CEDES está na UnB, então é a UnB. Tanto que o texto estava o tempo todo falando da FEF¹⁴? Até porque tudo é discutido em colegiado. Então, a Rede CEDES foi discutida em colegiado, então o coletivo aqui da Universidade estava a par de tudo. E eram duas coordenações do projeto, então, eu era um formador e um pesquisador. Então quem ia para lá? O formador da Rede CEDES, não era o Juarez Sampaio indivíduo, entendeu? Como nós tínhamos bolsistas que eram essas meninas, elas também integravam esse grupo de formadores. Então dentro da Rede CEDES a gente criou... “Ó vamos criar aqui o grupo também de formadores!” O que não era só uma preocupação do PELC a gente pensava também em SESI¹⁵, SESC¹⁶... Pensava em nome do lazer! O pior que foi um ponta pé inicial porque nós estávamos dentro de um grupo de pesquisadores que tinham a função de avaliar o PELC no DF, esse era o projeto da Dulce.

C.M. – E vocês chegam a fazer formação com os agentes sociais do Programa?

J.S. – Sim. O nosso ponta pé inicial foi em 2005 no seminário de abertura que o Ministério promoveu aqui junto com ONGs¹⁷ aqui na época, né? Esse seminário na verdade foi protagonizado pelo Ministério e pela UnB porque eles nos chamam: “Olha, a gente quer a ajuda de vocês para um seminário!” E tinha uma questão política na época. Não tinha recurso para o PELC em Brasília, então, a ideia dos gestores do Ministério, era trazer as emendas. Então esse seminário era um seminário político, era para botar o Ministro para falar, para eles verem a importância do PELC porque havia dois programas na época, até hoje eles existem: o Segundo Tempo¹⁸ e o PELC. Mas os recursos iam todos para o Segundo Tempo, então, esse foi uma intenção política mesmo! “Vamos botar o nosso Ministro para entender a realidade do DF! São muitas ONGs que já fazem um trabalho no âmbito do lazer, que envolve música, teatro, Educação Física.... Então vamos colocar o Ministro, vamos colocar também... Colocar deputados para que eles vejam a necessidade que tem aqui, para que coloquem recursos no DF!” Então foi um seminário político-pedagógico. Nesse seminário a gente convida os agentes sociais já, eu não sei o número,

¹⁴ Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.

¹⁵ Serviço Social da Indústria.

¹⁶ Serviço Social do Comércio.

¹⁷ Organização Não-Governamental.

mas era um número significativo. Passava de quatrocentos agentes, tinha muita gente no Hotel Nacional¹⁹. Ali foi o ponta pé inicial nosso. A gente fez um seminário já pautado nessa lógica de formação que a gente acreditava, que a formação... A gente pegou... A gente estava com um grupo enorme de pessoas de várias regiões e antes de começar a mesa mais importante, discutiu-se o PELC e os conceitos, a gente fez um trabalho descentralizado no Hotel Nacional. A gente pegou dez salas e dividiu esses quatrocentos em dez grupos. E no tempo de duas horas a gente queria fazer um diagnóstico que eles falassem os problemas deles, de onde eles vieram, se apresentassem... A gente misturou os agentes sociais, os núcleos e resgatamos nessas duas horinhas o conceito que eles tinham de lazer e de esporte que eram conceitos fundamentais do programa. E outros conceitos que eram importantes deles terem consciência. Então nós descentralizamos no Hotel Nacional em dez salas, eles foram com perguntas para mesa e na mesa já as sabia que ia ser dito sobre esporte, lazer.... Não me lembro muito bem outros temas, mas eu sei os pesquisadores, na época acho que era o professor Sávio²⁰, o professor Fernando Mascarenhas... O conceito de Lazer do professor Fernando Mascarenhas na época era base do programa, um conceito crítico, então, ele foi um palestrante de lazer por isso. Sávio na época também tinha uma discussão crítica sobre esporte e ele falou sobre esporte, né? E os agentes sociais construíram conceitos cotidianos que eles tinham, já que não eram pessoas formadas em Educação Física, então, eles tinham o conceito de lazer, tinham o conceito de esporte, de comunidade, conceito de metodologia, eles tinham tudo! A gente preparou tudo isso para que eles tivessem perguntas também se quisessem para os palestrantes e a gente preparou os agentes sociais e os palestrantes... Eles fizeram a palestra... Depois que eles fizeram a palestra os agentes voltaram para a sala de novo para debater os conceitos, para tentar rever os conceitos deles, contrastar com os conceitos científicos do programa... Foi muito legal! Esse seminário foi assim... O ponta pé inicial do aspecto metodológico e depois voltaram de novo para mesa [risos]! Foi o dia todo! Era realmente uma metodologia interessante porque você resgatava o método da pedagogia histórico-crítica para a discussão inicial. Então as oito da manhã estavam lá, todo mundo debatendo o diagnóstico, qual a compreensão deles, o que eles entendiam sobre os princípios do PELC. Depois eles foram para a mesa, mas lá estava acontecendo a problematização... A gente já ia, quer

¹⁸ Programa Segundo Tempo.

¹⁹ Hotel Nacional em Brasília.

²⁰ Sávio Assis de Oliveira.

dizer, não dá para separar a prática social inicial que é o que eles entendem dos conceitos dos problemas, então, a gente fazia ao mesmo tempo a problematização. Problematizava, né? E quando eles iam para mesa, iniciava o processo de instrumentalização. E aí depois voltava a tarde para os grupos separados para que eles pudessem vivenciar esse momento de sínteses do que eles entendiam e do que a ciência mostrava sobre os conceitos. E depois voltava... O cartaz já começava, eles iam falando agora sobre o que eles entendiam e depois voltava para a mesa para eles falarem e perguntarem mais coisas para os pesquisadores. Então a gente tentava trazer a metodologia crítica. Tinha essas etapas que a gente estudou muito.... Os grupos estudavam muito isso. Então o seminário foi o ponta pé inicial. A gente abriu... E depois a ideia nossa é que fosse para os núcleos separadamente. Então começou em 2005 já com essa perspectiva de... O mais importante, eu penso, é no passado havia uma polaridade aqui partidária e de princípios, óbvio, políticos aqui no DF. Se tinha o PMDB²¹ e o PT²² em grande disputa.... Nas eleições para 1995... 1995? 1995, 1994.... Não me lembro bem! Não! 1994 porque o governo foi de 1995 a 1998, então, foi a eleição de 1994.... Estava muito acirrada pelo PMDB e o PT. Antes de 1995 o PMDB dominava o DF. As concepções conservadoras dominavam o DF no campo do esporte e do lazer, nós não tínhamos política legal de esporte.... Então a gente, nós já éramos militantes que faziam um contraponto ao governo aqui. Quando chega o governo Cristóvão aqui, local, em 1995 a 1998, a gente pôde usar, trabalhar aqui no DF princípios da integração esporte e lazer de forma mais crítica. Experiência de outros municípios. Depois em 1998 se perdeu o governo aqui no DF. Aí voltou o PMDB, entendeu? Aí o PMDB volta e fica complicado de debater o esporte e lazer no DF a partir do momento de concepção de mais críticas. Então aí você vai chegando em 2003, 2004 mesma coisa, então, o PELC veio também para fazer contraponto político. Foi uma dimensão... Houve uma dimensão política nessa relação entre UnB, esse grupo de pesquisadores e o Ministério. Tipo, aqui no DF, não tinha como você fazer uma política descentralizada, uma política de democratização do esporte e lazer, estava difícil.... Então o PELC é como se fosse um governo federal entrando aqui dentro de um confronto político, entendeu? Então a nossa relação com as ONGs foi para ver se a gente fortalecia o lazer, democratizava na periferia então teve uma intervenção política e uma intervenção pedagógica.

²¹ Partido do Movimento Democrático do Brasil.

C.M. – Quais eram os objetivos centrais da formação?

J.S. – Eu acho que, como eu já falei para você, não eram apenas registros pedagógicos, eram políticos também. A gente quando ia em um diagnóstico, era porque se comentasse como era o esporte e lazer na comunidade deles, para a gente ter uma noção de como é que isso era visto. Por eles, né? Então a gente tinha realmente essa noção da falta de política, da falta de intervenção nessa perspectiva dos meninos mais pobres não terem acesso a nada, capoeira, karatê, futebol, tudo pago só quem podia fazer.... Isso é fala de um agente social, entendeu? Já engajado. A gente precisa desse projeto para a gente e descentralizar e democratizar aqui na nossa região, um esporte que a gente não tem acesso. Tem professores de capoeira cobrando, professores de futebol cobrando e o público não oferece espaço para a gente. As escolas estão fechadas.... Então o objetivo era um objetivo político, né? Democratizar o acesso ao esporte e lazer para a população do DF. Era um compromisso da Universidade. Por isso a gente acreditava que tinha que ser uma ação institucional, não individual. Eu tinha que levar a Universidade para a periferia e por meio dos [PALAVRA INAUDÍVEL]... E também é uma consciência política que eles adquiriam ali, né? Porque eram também meninos engajados no movimento social.... Tinha movimento social.... Participavam de movimentos sociais aqui no DF e também do movimento estudantil, eu tinha um grupo engajado aqui. Até falo o nome deles: Daniel Catanhense, que até é professor aqui hoje, o Tatu²³, que é professor aqui hoje também, o Gugu, que é o Leandro Casarin Dalmas que é hoje é um cara que comanda a pasta de esporte e lazer dentro de uma comunidade, ele não comanda nem a parte de esporte e lazer, ele é administrador! Mas ele é um cara do lazer da época também estava com a gente, ele é um cara preocupado com essa política. Havia mulheres também. Roberta²⁴, Julinho²⁵ que tinha ONG também, eram alunos engajados nessa.... Tinham uma consciência política sobre a falta que exista aqui de esporte e lazer como política. Então o objetivo era esse. E era um objetivo que combinava com a proposta do PELC, o que o PELC queria era evidente divulgar os princípios né? Eu não sei se vou lembrar todos, que já estou mais....

²² Partido Trabalhista.

²³ Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo.

²⁴ Nome sujeito a confirmação

²⁵ Nome sujeito a confirmação

Faz tempo que eu estou fora dessa discussão, mas... Intergeracionalidade, democratização do acesso, territorialidade.

C.M. – A municipalidade já estava...

J.S. – Não. Acho que municipalidade é um princípio atual?

C.M. – É... Trocaram para autogestão agora.

J.S. – É então, atualmente eu não sei. Enfim, eram princípios que tinha muito a ver com a nossa preocupação, a gente se apaixonou pelo PELC na época porque era um espaço de divulgar nossas ideias e ir para a periferia do DF que era muito carente, muita criminalidade. O nosso objetivo era fazer com que as crianças tivessem acesso à cultura corporal.

C.M. – E vocês discutiam esses conceitos e princípios com os agentes?

J.S. – Os agentes. O nosso diagnóstico a gente não gostava... A gente não leva o conceito pronto. A gente discutia com eles e durante os problemas a gente encaixava os princípios que tinham muito a ver muito com eles, entendeu? Muito com o que eles... Quer dizer, o científico está muito próximo de mecanismo de resolução de problema que eles tinham, do ponto de vista social, econômico, e do ponto de vista da pessoa, da formação humana. Então a nossa preocupação sobre essa questão de olha, como é que a gente vai pensar na humanização das pessoas? Elas têm que ter acesso a cultura, né? E o que a gente achava muito legal no PELC é que a faixa etária não era demarcada como no Segundo Tempo. É para todo mundo. Nasceu já está no PELC! Para idoso também, isso era legal. Então você tinha projetos com criança de três anos, quatro anos, cinco anos, com deficiência... A inclusão era algo fundamental, era um dos princípios. Então, casou o acadêmico, o científico com o político na época. Então combinava com o que o PELC também desejava que era fazer a comunidade ter acesso, não tinha essa ótica de rendimento nos princípios, mas no cotidiano dos agentes o rendimento era algo que eles queriam, essa era uma das coisas que a gente tinha que trabalhar com eles porque eles seguiam a lógica do alto

rendimento. “Não a gente precisa trabalhar esses meninos porque é um emprego. Se eles forem bons de futebol, eles podem ser jogadores de futebol. Se eles forem bons de vôlei, eles podem ser um jogador de vôlei.... Isso é o que dá dinheiro!”. Óbvio que a concepção de esporte de alto rendimento estava na cabeça deles como um modelo, então, o pior que tinha que lidar com essas contradições. Tipo: “Aceito você assim, mas vamos pensar em mudar?”. Não era uma coisa de cima para baixo, entendeu? Então hoje um dos objetivos é tomar consciência dessas reproduções que ocorrem no campo midiático no que se refere ao esporte e lazer e transformá-las.

C.M. – Você chegou a visitar núcleos no diagnóstico, né? Como é que eram os núcleos? Que atividades que você via, ficava só no esporte ou tinha outras atividades...

J.S. – Para a gente tinha um diferencial que era exatamente isso. A proposta do PELC lá no início.... Não era fechada também, alguns gestores que queriam amarrar a proposta, mas você tinha que ter trinta e duas horas de módulo introdutório e trinta e duas de final, módulo final. Então, nós pegamos, logo no início, a UnB fez essa proposta de: “Olha, vamos usar dessas trinta e duas horas umas quatro horas para divulgar, para visitar e ver o que está acontecendo porque em função de um diagnóstico a gente montou um seminário, não fugindo aos conceitos básicos do PELC” Mas a gente já vem para o seminário que é centralizado com um diagnóstico mostrando exatamente que tipo de práticas corporais são valorizadas em cada núcleo, que problemas eles tem de espaço físico, de gestão... Então a gente encontrava o que quando a gente ia, lembrando aqui depois de tantos anos, encontrava núcleos em que havia espaço físico da comunidade, eles ocupando espaço porque já existia antes do PELC... Como o PELC... O que que ele é? Ele chegava em um espaço... Ele fomentava a prática do esporte e lazer em lugares que tinha que ter contrapartida, que tinha que ter já alguma coisa estruturada.... Eram ONGs em Brasília que já existiam, já davam, já ministravam oficinas.... Alguns davam música, só música, por exemplo, só artes, entendeu? Ai quando vinha o PELC e eles ampliavam para esporte, para jogo, para outras modalidades da cultura corporal mais comumente na nossa Educação Física. E continuavam com o que eles já estavam fazendo. Tinha música, tinha teatro.... Então a gente muitas vezes chegou em locais que já tinham várias práticas corporais, outros tinham poucas, mas o PELC ampliava. Mas a gente encontrava sempre o que,

sempre a falta realmente de conhecimento mais científico. Falta de planejamento, eles não sabiam planejar... Como você não consegue lidar com os conceitos, é difícil sistematizar, então a gente encontrava sempre essa falta realmente do conhecimento científico no que se refere ao planejamento, no que se refere a lidar com os conceitos na prática, então a gente encontrava sempre... A prática deles destituída desses conceitos, dessa forma mais científica de planejar, de avaliar. Então isso já vinha para nós como um diagnóstico para montar um seminário: “Ó, nosso seminário vai ter que ter esse tema porque...” Coisa que a gente viu lá, por exemplo: muita violência contra a mulher em determinado núcleo, entendeu? Preconceito... A gente no diagnóstico, nas conversas com eles, a gente fazia práticas também além de entrevistas, a gente via entre eles muito preconceito com a questão da homossexualidade, a questão da mulher jogar futebol. Isso era muito forte, então, o PELC via o problema... A gente precisava estar aqui para debater questões sociais importantes de interação e tal. Então a gente via isso aí, sempre falta.

C.M. – Queria que você comentasse sobre a distribuição das horas que tinha... Vocês dividiam, mas tinha uma outra proposta também de ser de trinta e duas horas...

J.S. – A proposta era de trinta e duas introdutória e trinta e duas de módulo de aprofundamento. São dois módulos, então, se o projeto era de um ano, você tinha que fazer isso no primeiro mês, trinta e duas horas. E fazer no final, um mês antes de acabar, ou no mesmo mês as trinta e duas horas. E na proposta havia sim a formação em serviço, mas não era comprometimento dessas trinta e duas e trinta e duas. Quer dizer, a contrapartida da instituição era essa, que durante esses meses que não teria formação, eles teriam que convidar pessoas da comunidade, até o próprio PELC ser convidado, formadores do PELC para ir lá, mas não havia uma carga horária para os formadores destinada a esse módulo de formação em serviço, entendeu? E o que nós fizemos em Brasília, a gente precisa ocupar esse espaço do meio. É muito tempo, a gente entra e sai, como assim? E se eles não nos chamarem? E se eles não chamarem a gente? É só para fechar isso aqui? Então tem uma lacuna enorme aqui. Como é que a gente pode fazer aqui em Brasília para não deixar essa lacuna acontecer? Vamos usar horas daqui e horas daqui para preencher aqui no meio. Então as trinta e duas horas não acontecem em quatro dias, a gente primeiro vai lá. Descentralizado, vai nos núcleos. Tem projetos com cinco núcleos, projetos com dez

núcleos. Então a gente faz o seguinte: a gente vai.... Essas primeiras trinta e duas horas divide assim, quatro horas a gente divide os núcleos, como eu tenho muita gente.... Na verdade, quatro horas para quem está assistindo, mas para o formador são muitas horas porque eu tinha o Gugu, o Daniel em um núcleo, o Tatu com a Roberta em outro núcleo, são quatro horas nesse núcleo, quatro horas nesse núcleo... A gente está preocupado em ganhar dinheiro. Vou fazer o tanto de hora possível... Eu tenho um grupo na universidade que está precisando aprender porque em contrapartida para nós era fazer os meninos aprender a aplicar os estudos, a pensar na formação, a criar um consciência política... Então eu falava assim ó: “Vamos trabalhar nós dois aqui e vamos descentralizar, aí vocês vão para os núcleos.” Então a gente vai pegar das trinta e duas horas, as quatro. Aí depois a gente reúne com os dados que vocês trouxeram para montar o seminário que vai ser de vinte horas... dezesseis horas, de vinte a dezesseis horas. Vamos montar o seminário, né? Em função da demanda que vai rolar então alia demanda a princípio já pré-estabelecido que são princípios que tem a ver com a realidade. Essas horas que estão faltando aqui, se tem quatro, quatro e vinte, vinte.... Um seminário de vinte horas, vinte e quatro, então sobra oito. Então vamos colocar oito horas de visita! Vamos distribuir oito horas. A gente pegava, oito horas aqui das trinta e duas e divide também em visitas, em formações continuadas. E faz um seminário final também, entendeu? Então a gente pegou hora daqui, hora dali para preencher aqui. Então o quê tinha aqui no meio? Depois do diagnóstico, depois da instrumentalização, a gente voltava no momento para ver como é que foi esse primeiro encontro. Mas o mais legal que a gente fazia, do caramba mesmo, é que no primeiro módulo a gente ensinava, trabalhava com eles planejamento. Como é que faz um diagnóstico. *Do caramba, velho!* O que a gente fazia, nessa primeira formação de quatro horas, eles saíam na rua também para pesquisar o que a comunidade gostaria. Demanda in loco, qual a modalidade está faltando, que é do interesse deles. A gente preparava o seminário em função disso. E aqui no seminário já tinha um módulo de planejamento. Como planejar as atividades para um ano! Aqui começava, a partir do diagnóstico, formulação de objetivo, seleção de conteúdos, relevância com as necessidades locais, metodologia, como programar, como fazer um cronograma de aula. E cronograma também dos dez meses que restavam até o último módulo, que era o módulo final de... Aprofundamento acho que era o módulo central, isso depois a gente vê... Mas o último, as últimas trinta e duas horas eram mais um fechamento, avaliação. Módulo de avaliação

chamavam, no passado. Agora não sei como é que chamam, no ano passado era módulo de avaliação"... O início era introdutório, né? E o meio aprofundamento, no passado no módulo de aprofundamento não tinha esse comprometimento do formador. A gente criou aqui em Brasília esse comprometimento, e o que nós fazíamos nesse aprofundamento? Depois que a gente teve, lá no início, uma ideia do que seria o planejamento já ajudávamos o formador, o agente, aqui é como separar as turmas, os horários, a carga horária que estava prevista também eles faziam tudo no módulo Introdutório. De tal forma que eles já iam para o módulo de aprofundamento, desculpa, para a intervenção sabendo já a carga horária semanal que eles tinham que coordenar, planejar em serviço, a gente já montava como era o cronograma deles em serviço, aqui, mas como a gente acompanhava esse cronograma que estava decidido já no módulo introdutório...Então nós usávamos esse módulo de aprofundamento para isso, chegar lá... Ouvimos como está o planejamento que foi feito durante o introdutório e aí ver as faltas deles e capacitá-los: "Ó, professor a gente está precisando aqui sabe do quê?" Eles falavam muito essa coisa de primeiros socorros. "Não, a dos primeiros socorros porque tem muito aluno se machucando, entendeu?" Mmas também tinha coisas muito legais assim, que não eram só instrumentais: "Não professor, a gente está precisando de alguém que venha aqui para falar de judô! A gente está com necessidade de judô aqui!" Então a gente tinha essa coisa específica, a gente levava pessoas, convidava pessoas para ir além da gente para dar aula lá. A gente acompanhava o tempo inteiro. E no final eles apresentavam um relatório do que foi feito durante esses dez meses. A gente transformou essas sessenta e quatro horas em uma formação com a presença nossa.... Ao mesmo tempo que eu formava os agentes sociais, os agentes também nos formavam, a gente se formava durante o processo de formação a gente também aprendia muito porque a gente ia lá e tinha demanda a gente tinha que estudar, então, eu diria que na época a Rede CEDES aqui era um espaço de pesquisa e de formação. A gente estudava e de estudo, para dar conta durante esses dez meses.

C.M. – Vocês chegaram a participar de formações em outras cidades?

J.S. – Então, antes do [silêncio]. A gente conseguiu nesse primeiro momento ir no máximo na cidade aqui perto no Goiás, que eu esqueci o nome, então, a gente era do DF mesmo, sempre foi do DF. Porque depois do edital que ocorreu a gente passou a ser do centro

oeste. Então a gente podia ir em qualquer lugar, podia ir para Goiás, Mato Grosso... Mas a gente nesse primeiro momento, acho que 2005, 2006, 2007, 2008 a gente ficou só por aqui, foi no máximo aqui em Goiás. Depois do edital, eu saí. Eu saí e permaneceu o Tatu, aí sim o Tatu começou a viajar porque já era outra lógica. Formador era convidado pelos lugares, mas durante nosso, nessa primeira fazer do PELC a gente ficou só aqui, que também já era muita coisa, que você tem muitas regionais, muitas cidades satélites e tinham muitos projetos aqui, tinham muita renda para o DF. Então a gente fez muita formação, eu não sei o número não, mas a gente fez muita formação. Então assim, eu era o formador oficial, no começo, então eu não lembro quanto a gente ganhava, acho que era cem reais por hora uma coisa assim. Então esse dinheiro – o que eu vou fazer com ele? – Eu dividia para todo mundo, dez pessoas, cada um ficava com cem reais, mas todo mundo fazia por amor e porque sabia que estava aprendendo, então era um investimento na formação das pessoas. Apesar desse tempo de investimento ser um tempo do mercado [riso], mas a gente... Era uma contrapartida, não havia lucro assim: “Ah, vamos ganhar dinheiro no PELC!” A gente nunca ganhou dinheiro no PELC! Porque a gente dividia por muita gente, como eu era formador oficial e era da Rede CEDES e os garotos eram cadastrados na Rede CEDES, eu tinha autonomia para fazer isso, entendeu?

C.M. – E quando e por que você saiu?

J.S. – Acho que eu saí na época... Começaram a ter mudanças, sabe, conceituais no PELC, inclusive, e durante essa minha participação houve muita... Houve algumas contradições entre os gestores do Ministério e a gente por conta dessa lógica que a gente implantou aqui. Então assim, eu sou ruim de data, mas houve um primeiro momento que o professor Lino Castellani²⁶ era o Secretário, o Roberto Liao²⁷ era o assessor, que a gente tinha mais autonomia para lidar com essa realidade do DF, então a universidade estava junto. Então foi um momento muito importante para a formação de quadros da universidade, para a formação de quadros também de agente sociais para trabalhar com pedagogia crítica, a gente tinha liberdade para isso também, lidava com conceito de lazer mais crítico, eu acreditava nisso e gostava... Então tinha muita sintonia entre a concepção de mundo da

²⁶ Lino Castellani Filho

²⁷ Roberto Liao Junior

universidade, da Rede CEDES, na época e do programa. Houve uma mudança de Secretaria.

C.M. – Nacional...

J.S. – É, são as siglas que eu estou esquecendo, e aí quando houve essa mudança a gente perdeu um pouco a autonomia, o conceito de lazer, a base foi mudando. Outros autores foram entrando na jogada, a gente começou a ser proibido de fazer essa metodologia de descentralização, está escrito no livro aqui. Proibido não, proibido é uma palavra muito forte. Quem coordenava, quem passou a coordenar a formação, começou a exigir uniformidade e a gente criticava. “Como que vai ter uniformidade se o Brasil é tão continental, e tão diferente?” Tem tanta diferença né? O Brasil é atípico. Não é a Bahia que você tem um núcleo a duzentos quilômetros do outro, entendeu? Tem um projeto a quinhentos quilômetros do outro, aqui não, o máximo de distância que tem entre um núcleo e outro é quinze, vinte, quarenta quilômetros que se percorre em meia hora. Então eu posso estar ao mesmo tempo em vários núcleos aqui.... Tanto que a gente não pode.... Então isso foi muito, essa nossa forma de trabalhar foi criticada e a gente acabou abortando na composição a forma... Mas foi na resistência. Teve uma resistência, então, me deixou um pouco incomodado e aí eu pensei: “Acho que eu não vou continuar...”. Mas eu participei da primeira seleção de... E continuei fazendo inclusive essa forma descentralizada aqui em Brasília. Mas não por muito tempo. Mas o que foi legal depois que eles adotaram isso, acabaram adotando, houve resistência, mas eles acabaram adotando a fórmula muito parecida com a que a gente adotava, eles dividiram os módulos também, aí eu permaneci um pouco mais. Mas aí foi se perdendo muitas coisas e eu acabei saindo. Na época também tinha outras coisas para fazer também, tinha passado muitos anos no PELC. Então, umas das coisas que me levaram a sair também foram outras atividades que eu também tive que assumir, mas isso foi uma... Essas mudanças que ocorreram também contribuíram para que eu viesse a sair.

C.M. – Professor, você tinha notícia de outros formadores de outras regiões? Dessa primeira fase de 2005?

J.S. – Tinha formações de formadores, então, a gente se encontrava em determinados momentos. É que faz tempo! Mas eu só encontrava essas pessoas na época de formação, mas não lembro dos nomes das pessoas totalmente.

C.M. – Mas existia...

J.S. – Sim, no Brasil inteiro tinham formadores. Eu participei de uma época que tinham poucos formadores. Depois ampliou-se porque se divulgou, mas antigamente eram poucos. E estava restrito, você via muita.... Tinha pouca gente e pouca gente que formava pessoas de todo o lugar do Brasil, entendeu? E isso não era legal. Eu achava que tinha, sempre pensava nisso, é por que que na Bahia... Não tinha uma relação do PELC com a Bahia? Aí podia pegar uma universidade de referência para não descolar o PELC do acadêmico também. Então por que não se faz um grupo como se faz aqui lá na Bahia? Por que tem que ser um formador do Rio que tem que ir para a Bahia, que tem que ir para Maranhão, que tem que ir para São Paulo, que tem que ir para o Sul? Entendeu? Por que não cria vínculo com o regionalismo? Aqueles que são locais.... Tem o universal e tem o regional, tem práticas corporais que tem no Sul que não tem na Bahia e vice e versa. Por que não aproveitar os formadores da localidade e divulgar isso? E não sair um formador do Rio formando todo mundo. Nesse princípio eu não fazia isso, eu ficava só em Brasília. Isso havia no PELC, um cara formando em vários lugares. Depois do edital sim, você teve um, se regionalizou, você tinha formadores que estavam lá no Nordeste.... Teve um momento que a gente fez uma troca, acho que eu viajei para Mato Grosso para fazer uma formação também, mas é que tem muito tempo e eu me esqueço de muita coisa.

C.M. – Então bem, professor. Tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

J.S. – É. O PELC não é mais o PELC, entendeu? Acho que, de fora agora, perdeu força política... O que aconteceu muito foi que o próprio Lino fez um debate importante quando ele saiu do Ministério, fez uma palestra importante falando dessa relação do Ministério do Esporte com os megaeventos, entendeu? Um dos grandes empresários.... Então o recurso que deveria ir para as classes menos favorecidas economicamente, eles iam para o alto rendimento, então foi... O PELC é uma briga constante para recursos né? Aqui em Brasília

não existe mais, já acabou. Aqui em Brasília perdeu força e no Brasil também, mas eu acho que assim, essa época 2003, 2004, 2005 quando a gente começou realmente a formação foi muito importante... Os princípios do PELC eles coordenavam muito com os princípios emancipatórios, revolucionários, né? Acho que as coisas foram modificando, eu não vou falar como ficou modificado porque eu não vivi essa outra parte. A parte que eu vivi, foi uma parte muito intensa, foi muito importante.

C.M. – Então é isso, professor! Muito obrigada e a gente encerra por aqui.

J.S. – Tá, eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]